

**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA - BACHARELADO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

BIANCA SILVA PEREIRA

**A EDUCAÇÃO FÍSICA E AS PRÁTICAS CORPORAIS: A QUESTÃO DE
GÊNERO**

**VOLTA REDONDA
2023**

**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA - BACHARELADO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**A EDUCAÇÃO FÍSICA E AS PRÁTICAS CORPORAIS: A QUESTÃO DE
GÊNERO**

Artigo apresentado no Curso de Educação Física -
Bacharelado como requisito à obtenção do título de
Bacharel em Educação Física.

Aluna:

Bianca Silva Pereira

Orientador:

Prof. Dr. Cláudio Delunardo Severino

**VOLTA REDONDA
2023**

RESUMO

Mesmo com a reflexão a respeito da construção cultural das identidades de gênero a partir das influências do contexto histórico-cultural acerca do 'masculino/feminino' e, também, da legitimação das condutas e da efetiva participação de homens e mulheres em todos os âmbitos da sociedade, ainda é possível perceber o preconceito e atitudes discriminatórias em relação à participação das mulheres em âmbitos distintos. Em se tratando do espaço da Educação Física, a distinção entre gêneros fica em evidência por intermédio de comparações, comentários pejorativos, argumentos de expressões corporais, culturais e sociais e atitudinais. O objetivo do presente estudo foi investigar as particularidades que envolvem a presença das mulheres no ambiente da Educação Física. Para isso, o caminho metodológico percorrido tratou-se de uma revisão bibliográfica de caráter descritivo e, assim, buscou-se informações contidas em publicações produzidas anteriormente voltadas para o tema a ser observado e, para tal, o aporte teórico do presente estudo foi estabelecido mediante levantamento de livros e artigos nas reconhecidas bases de dados Scielo, Google Scholar e Periódicos Capes. O estudo se justifica pela possibilidade da obtenção de um conjunto de informações que oportunizem a docentes, acadêmicos e acadêmicas um entendimento acerca das práticas corporais, a participação das mulheres e as dificuldades enfrentadas por estas no sentido de fazer com que o universo da Educação Física se caracterize como um espaço não discriminatório, independente do gênero de seus praticantes. Percebeu-se que as questões de gênero ainda são um grande desafio para a Educação Física e o esporte. A exclusão de mulheres de certas modalidades, cargos de liderança e a desvalorização do desempenho feminino em comparação com o masculino evidenciam a presença da hierarquia de gênero no esporte e na Educação Física. Além disso, a sexualização do corpo feminino é uma prática comum no ambiente esportivo, o que pode levar a objetificação e a desvalorização das mulheres.

Palavras-chave: Educação Física. Gênero. Igualdade.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	4
2 METODOLOGIA.....	5
3 REFERENCIAL TEÓRICO.....	5
3.1 Gênero.....	5
3.2 Cada uma sabe a dor e a delícia de ser mulher.....	8
3.3 O espaço da Educação Física: o lugar da mulher é onde ela quiser.....	10
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	12
5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	13

1 INTRODUÇÃO

Os estudos voltados para as questões de gênero vêm se expandindo a cada ano, estabelecendo o seu espaço nas mais diversas áreas de conhecimento (PRADO et al., 2016). Para os mesmos autores, essa condição vem oportunizando a todos e todas a reflexão a respeito da construção cultural das identidades de gênero a partir das influências do contexto histórico-cultural acerca do 'masculino/feminino' e, também, da legitimação das condutas e da efetiva participação de homens e mulheres em todos os âmbitos da sociedade.

Contudo, mesmo com a realização de estudos e assegurada a oportunidade da realização de debates no que tange às questões de gênero, além dos direitos igualitários para homens e mulheres garantidos na sociedade, ainda é possível perceber o preconceito e atitudes discriminatórias em relação à participação das mulheres em âmbitos distintos (ROSA et al., 2020).

Em se tratando do espaço da Educação Física, a distinção entre gêneros fica em evidência por intermédio de comparações, comentários pejorativos, argumentos de expressões corporais, culturais e sociais e atitudinais. Esse quadro, na perspectiva de Rigo (2022), resulta por acarretar situações constrangedoras e traumatizantes em relação ao público formado por mulheres.

Diante do exposto, cabem alguns questionamentos: Como as mulheres são vistas dentro/fora do ambiente da Educação Física? Qual é a conduta dos homens em relação às mulheres durante uma prática esportiva?

Estabelecidas essas questões, o objetivo do presente estudo foi investigar as particularidades que envolvem a presença das mulheres no ambiente da Educação Física. Para isso, o caminho metodológico percorrido tratou-se de uma revisão bibliográfica de caráter descritiva com base nos apontamentos teóricos realizados por outros autores e autoras que abordaram o mesmo tema.

O estudo se justifica pela possibilidade da obtenção de um conjunto de informações que oportunizem a docentes, acadêmicos e acadêmicas um entendimento acerca das práticas corporais, a participação das mulheres e as dificuldades enfrentadas por estas no sentido de fazer com que o universo da Educação Física se caracterize como um espaço não discriminatório, independente do gênero de seus praticantes.

2 METODOLOGIA

Para o desenvolvimento da presente pesquisa, fez-se uso de uma revisão bibliográfica de caráter descritivo com base nos estudos realizados por outros autores e autoras que abordaram o referido tema. No entendimento de Chizzotti (2011), tal metodologia almeja a resolução de um determinado problema a partir de referenciais teóricos já publicados, assegurando subsídios para a construção do conhecimento a respeito do tema abordado. Assim, buscou-se, por intermédio de uma abordagem qualitativa de investigação, informações contidas em publicações produzidas anteriormente voltadas para o tema a ser observado e, para tal, o aporte teórico do presente estudo foi estabelecido mediante levantamento de livros e artigos nas reconhecidas bases de dados Scielo, Google Scholar e Periódicos Capes.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Gênero

Para que seja possível a compreensão a respeito da desigualdade de gênero no âmbito da Educação Física, torna-se necessária a exposição do conceito de gênero.

Expõe-se inicialmente o conceito de gênero estabelecido Sousa e Altmann (1999), que o compreendem como a construção social estabelecida por uma determinada cultura no que tange a homens e mulheres e as relações baseadas nas distinções identificadas entre os sexos. Na perspectiva de Goellner (2010), o 'sexo' é definido como uma classificação de características anatômicas e fisiológicas que diferenciam os indivíduos como macho e fêmea. Em relação ao 'gênero', este é percebido como uma condição social em que se identifica alguém como masculino ou feminino.

Oliveira (2008) complementa tal conceito com a afirmação de que a partir do que é estabelecido tanto no cenário social como também no cultural e histórico, solidificam-se binarismos que opõem masculino/feminino e dominante/dominado,

caracterizando-se assim as diferenças nas construções sociais e as relações de poder.

Essas relações fazem com que as mulheres sejam, em considerável escala, educadas para ocupar o espaço do lar e deixar as atribuições do universo público em poder dos homens. “A divisão de papéis sociais pautados no gênero é uma forma de organização típica da sociedade brasileira e de muitas outras sociedades” (HAHN, STRÜCKER, 2020, p. 194).

As relações de poder acima mencionadas são estabelecidas, segundo Couto e Dittrich (2017) por intermédio de uma infinidade de práticas culturais que acarretam a promoção de estereótipos de gênero a partir das diferenças de comportamento das pessoas. Nesse sentido, nota-se que tais práticas culturais reforçam uma desigualdade que se apresenta invariavelmente com consistência. Sobre isso, Silva e colaboradores (2008), comentam que as relações de gênero acabam por ser construídas a partir de uma hierarquia das construções sociais nas quais mulher ou homem participam diante de um constructo de dominação permanentemente contestadas por um “processo que inclui cedências e negociações e que conduz a novas formas legitimadas de dominação” (SILVA et al, 2008, p. 397).

Esse conceito - gênero -, foi criado, na perspectiva de Lessa (2005), com o propósito de substituir o de sexo, já que ao estabelecer no campo biológico as diferenças entre mulheres e homens, o conceito “sexo” contribuiu com a proposta da imutabilidade dessas mesmas diferenças, desconsiderando determinadas tentativas de mudanças. Ou seja, o conceito de gênero não significa unicamente a caracterização de distinções naturais entre mulheres e homens, mas uma interpretação que oferece um significado para as diferenças físicas entre ambos. A considerar as distinções entre sexo e gênero, pode-se compreender que o primeiro se refere às diferenças biológicas, enquanto a segunda expressão se adequa às classes de comportamentos reforçadas pelas diferenças entre a mulher e o homem (COUTO; DITTRICH, 2017).

Advindo dessa ideia, Tiburi (2018, pág. 28) menciona que “a aparência de homem e mulher está profundamente ligada a regras de comportamento.” Ou seja, o arcabouço cultural influencia na constituição do corpo e a cada Período Histórico, ele interfere nessa construção, “genereficando” (termo usado pela autora) as características que ditaram/ditarão os padrões de comportamento, ditos, socialmente aceitos.

Entretanto, observa-se que, de acordo com Rigo (2022), os papéis estabelecidos pelo homem e pela mulher no âmbito social apresenta distintos comportamentos acerca das maneiras de agir, vestir, de se manifestar oralmente outros aspectos que obedecem a certa padronização do comportamento destinado a cada sexo mas, vinculada a essa questão, nota-se que no decorrer do tempo houve transformações tanto biológicas como sociais no que diz respeito ao corpo. “Um corpo não é somente a constituição física de carne e osso, vai além disso, é a compreensão do seu entorno, significados e alterações culturais” (RIGO, 2022, p. 13).

A mesma autora enfatiza que ao ser mencionado o corpo, torna-se primordial um breve questionamento acerca dos seus significados. Diante disso, aponta-se que não se trata unicamente da parte orgânica do ser humano, mas também das suas representações culturais e simbólicas. Por exemplo, o prosaico ato de se sentar representa, diante da ótica estabelecida pela sociedade, diferenças da ação realizada pelo homem e pela mulher, pois, nesse exemplo específico, é constatado que ele pode executar movimentos espontâneos sem a preocupação a respeito de que maneira isso poderá ser interpretado. No entanto, a mulher necessita se preocupar em cruzar ou fechar as pernas, devendo, para isso, realizar movimento bem mais cautelosos, o que representa o resultado de uma construção social (consciente ou não) que estabelece quais são as atitudes permitidas à mulher.

Para Souza e Cascaes (2008), a questão de gênero representa um cenário no qual o poder político muitas vezes se estabelece e se legitima. Sobre isso, nota-se que não há apenas a menção a respeito do significado das diferenças entre o homem e a mulher, mas também o seu estabelecimento. E para que o poder político venha a ser protegido, essa menção deve ser compreendida como correta e além da própria construção humana, algo como natural ou “acima de tudo”.

Costa e Santos (2018) apontam que a expressão gênero surgiu com o intuito de enfrentar a predominância biológica nas relações entre os sexos, contribuindo com debates que elevaram o tema a categoria de análise nas pesquisas sociais. E nesse cenário, três questões são relevantes para servirem como pontos de partida para as discussões.

A tentativa feminista de entender as origens do patriarcado é primeiro posicionamento. Foi seguido pela tradição marxista que busca um compromisso com a crítica feminista; e por último temos a defesa do pós-estruturalismo francês e das teorias de relação do objeto, que buscou na psicanálise a explicação para a produção e a reprodução da identidade de gênero do sujeito (COSTA; SANTOS, 2018, p. 142).

Em se tratando do conjunto de comportamentos e, também, posicionamentos preestabelecidos, era considerada a mulher “perfeita” aquela que era a mãe dedicada e que tinha no lar o seu devido lugar, apresentando sempre um comportamento doce e servil, bem distante da esfera política e do campo das decisões associadas ao destino da sociedade (DAVIS, 2016). Isso significava que o lar havia sido estabelecido como o lugar destinado às mulheres, sendo concedido a estas a criação de suas crianças e o atendimento às necessidades de seus maridos, tornando-as serviçais de seus companheiros.

Todos os conceitos expostos até então, além de outros incontáveis estudos acerca do tema proposto apresentam como principal característica o estabelecimento (ou a tentativa) de explicações a respeito das causas da opressão das mulheres por parte dos homens. Entretanto, percebe-se que tal procedimento é insistir no essencialismo e, nesse sentido, o conceito de gênero apresentou grande relevância quanto ao combate ao determinismo biológico (CONCEIÇÃO, 2009).

Os obstáculos enfrentados pelas mulheres em diversas ocasiões ultrapassam as relações de gênero ou sexo, com desvantagens sociais, econômicas e obstáculos ocasionadas por variáveis como raça, etnia, classe social e sexualidade, ou seja, as barreiras enfrentadas pelas mulheres se tornam ainda mais complexas quando se trata de pobres, negras, indígenas, trabalhadoras rurais ou homossexuais (HENNING, 2015; BIROLI, 2018). E sobre tais barreiras, Conceição (2009) comenta que as discussões a respeito de gênero passaram a não ser unicamente sobre sexo e classe, mas também a temas como, por exemplo, raça. Isso fez com que se pensasse em uma conjunção entre sexo, classe, raça e nas diversidades entre as mulheres, fazendo com que o gênero fosse reconhecido como um elemento constitutivo das relações sociais.

Ao se pensar no gênero a partir de uma perspectiva analítica, faz-se necessária a contribuição de alguns conceitos teóricos. Conceição (2009) estabelece essa importante observação porque ao se fazer uso da expressão sem uma perspectiva teórica, inevitavelmente se investigará ou se discutirá apenas as questões relacionadas às mulheres. No entanto, torna-se relevante a discussão a respeito das relações entre mulheres e homens, da sua construção, funcionamento e desejadas transformações.

3.2 Cada uma sabe a dor e a delícia de ser mulher

Desde o início das organizações humanas, que mais tarde seriam intituladas como civilização/sociedade, o corpo da mulher fora dotado de regras e padronizações. Devido a sua capacidade em gerar filhos, impossibilitando assim a capacidade de realizar atividades por certo tempo em decorrência da maternidade, criou-se então o estereótipo de submissão, fragilidade e reserva ao lar (STEARNS, 2015).

Para Rigo (2022), o corpo é a representação de marcas possuídas no decorrer de vivências e construções. Em determinado período histórico, o corpo representava unicamente a 'casa da alma', ou seja, o espírito era considerado mais importante do que o corpo. Diante dessa perspectiva, a mulher era excluída da sociedade, cabendo a ela apenas o papel da submissão ao homem, fato que lamentavelmente permanece até os dias atuais em determinadas ações e pensamentos. Apesar de inúmeros avanços nas mais diversas áreas, percebe-se ainda que as mulheres são preteridas socialmente, sendo compreendidas como incapazes a determinadas funções e cargos (RIGO, 2022).

Para Goellner (1999), ser mulher e pensar a respeito do que representa o seu corpo como imperativo de seu sexo, ou seja, o fortalecimento da condição de ser bonita, feminina e mãe. Todavia, a referida autora reforça que essa representação não pode significar que as mulheres devam assumir tais condições, pois ser mulher significa também ter interesses, necessidades, sentimentos e maneiras de enxergar o mundo e a si próprias.

A mulher é vista de maneira peculiar pela sociedade em geral. Nas palavras de Rigo (2022), ela é compreendida como mais preparada para manifestar emoções, ou seja, do ponto de vista cultural, uma menina é conduzida desde cedo a um comportamento sensível e sentimental, enquanto o menino é educado para ser insensível e invulnerável

Fora do ambiente acadêmico e profissional, o estereótipo de gênero afeta as mulheres na sua participação e desempenho em atividades físicas. Por exemplo, muitas mulheres relatam que se sentem constrangidas e evitam frequentar academias de ginástica ou praticar esportes em ambientes dominados por homens temendo sofrer algum tipo de assédio sexual e/ou moral.

3.3 O espaço da Educação Física: o lugar da mulher é onde ela quiser

O ambiente acadêmico representa, na concepção de Rigo (2022), um espaço para as mais variadas expectativas e desafios que acarretam impactos significativos nos indivíduos que o frequentam. Experiências são vividas e que ocasionam diversas emoções, por exemplo, as relações interpessoais, as cobranças por parte de amigos e familiares e os procedimentos avaliativos. Portanto, a mesma autora aponta ainda que se torna relevante a observação de que a instituição educacional seja percebida pelo seu papel não somente quanto ao desenvolvimento das potencialidades físicas e cognitivas dos discentes, mas também quanto a compreensão das relações sociais ocorridas frequentemente em seu ambiente, relações as quais possuem características tanto positivas quanto negativas.

Em um ambiente no qual estejam sendo desenvolvidas práticas associadas a cultura do movimento, considera-se imprescindível, por parte de todos os envolvidos (docentes e discentes), o entendimento de que a interação com o meio não seja ofuscada por atitudes preconceituosas acerca das relações sociais que envolvem as questões de gênero (ROSA et al., 2020). Entretanto, os mesmos autores percebem que em muitas ocasiões, os professores, diante dos conflitos vinculados ao gênero e a sexualidade que acarretam manifestações de discriminação por parte dos homens em relação às mulheres, acabam compactuando com essas atitudes ao estabelecerem comentários voltados para uma suposta falta de capacidade em executar determinados exercícios e generificando as ações propostas. Nesse caso, considera-se pertinente a reflexão por parte dos professores no que tange à necessidade da desconstrução desse processo discriminatório.

Aos/as professores/as de Educação Física cabe sempre estimular mediante atividades o direito dos/as alunos/as praticarem as mesmas atividades, considerando os limites e especificidades de ambos, sem necessidade de um ter domínio sobre o outro (ROSA et al., 2020, p. 107).

Martins e Silva (2020) apontam que apesar de ser constatada nos mais diversos segmentos da sociedade a importância, os benefícios e a necessidade da prática de modalidades esportivas, atividades físicas e de lazer, nota-se ainda que, em se tratando de mulheres e meninas, a desigualdade de oportunidades é nítida, além das constantes comparações entre elas e os homens.

Percebem-se diferenças no modo como o gênero organiza essas comparações, seja através de incentivos e interdições que irão produzir um conjunto de fatores, dentre eles, os constrangimentos. Estes, atuam por meio de olhares, atitudes e falas que colocam as meninas em situações de intimidação e afetam não só nas relações de convívio com seus colegas e professores, quanto também com sua autoestima, sua relação com a disciplina e seus conteúdos de acordo com o componente curricular da Educação Física e a busca por aprovação das pessoas para evitar a rejeição (RIGO, 2022, p. 7).

Mas o ambiente no qual se pratica exercícios físicos não pode ser considerado adequado apenas aos homens. E para que este seja um espaço aberto a todos e todas, consideram-se necessárias algumas importantes mudanças. Para Firmino (2019), uma dessas mudanças se refere à necessidade de rompimento com os paradigmas habituais e, nesse sentido, debates acerca da criação e da ocupação de espaços pelas mulheres se tornam cada vez mais frequentes e, no âmbito do esporte e da prática de exercícios físicos, essa prática não é uma exceção. Segundo a mesma autora, o entendimento a respeito do corpo, os seus direitos e as suas ambições por parte das mulheres estabelecem a necessidade da relação entre gênero, esporte e desenvolvimento.

Tal necessidade, segunda Martins e Silva (2020), ainda enfrenta obstáculos no cotidiano por intermédio de situações como, por exemplo, como a divisão do espaço e tempo entre meninas e meninos nas aulas de Educação Física em algumas escolas, assim como a distinção dos conteúdos oferecidos por parte dos professores.

O esporte e a prática de qualquer atividade física devem ser compreendidos como um espaço legitimador dessa separação a partir da concepção de que são percebidas como atividades masculinas e vinculadas ao estabelecimento da virilidade. Assim, a Educação Física passa a ter significativa representatividade no que tange ao controle dos corpos a partir de uma contribuição para o estabelecimento de significados e práticas sociais distintas (MARTINS; SILVA, 2020).

Outro fator que influencia a conduta dos homens em relação às mulheres durante uma prática esportiva é a hierarquia de gênero presente no esporte que se manifesta por meio do menosprezo pelas mulheres em determinadas modalidades e posições de liderança, além da desvalorização do desempenho feminino em comparação com o masculino.

Oliver e colaboradores (2009) entendem que o espaço das práticas esportivas e a desvalorização das mulheres que o frequentam consiste na extração do

protagonismo delas. Além disso, torna-se necessário analisar os discursos acerca do que é masculino ou feminino, que são presentes nos espaços onde são praticadas atividades físicas e que posicionam as mulheres em condições discriminatórias e constrangedoras, considerando-as menos habilidosas ou até mesmo incapazes de determinadas práticas.

Portanto, é relevante considerar a Educação Física como um campo onde esteja assegurado o debate que possibilite o envolvimento delas no processo de entendimento e de transformação, desenvolvendo, possibilidades para a participação das mulheres não somente no esporte e nas atividades que envolvam a prática corporal, mas em todos os âmbitos da sociedade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As questões de gênero ainda são um grande desafio para a Educação Física e o esporte. A exclusão de mulheres de certas modalidades, cargos de liderança e a desvalorização do desempenho feminino em comparação com o masculino evidenciam a presença da hierarquia de gênero no esporte e na Educação Física. Ainda há uma falta de representatividade feminina nos cargos de liderança e nos estudos acadêmicos, o que pode afetar negativamente a qualidade da educação oferecida. Além disso, a sexualização do corpo feminino é uma prática comum no ambiente esportivo, o que pode levar a objetificação e a desvalorização das mulheres.

Contudo, é importante destacar que algumas mudanças estão ocorrendo na área. A presença feminina em posições de liderança e a inclusão de novas modalidades e práticas esportivas voltadas para mulheres são exemplos dessas mudanças. Além disso, a busca pela igualdade de gênero no esporte e na educação física é cada vez mais discutida e estudada por pesquisadores e educadores físicos. É preciso continuar investindo em políticas de inclusão e igualdade de gênero para que o esporte e a educação física possam ser uma ferramenta para a promoção da equidade e do respeito aos direitos das mulheres.

Portanto, a Educação Física pode ser uma grande aliada na promoção da igualdade de gênero, mas para isso é preciso que haja uma conscientização sobre a importância da inclusão e valorização das mulheres na área, para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades**: os limites da democracia no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018

CHIZZOTTI, Antônio. Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2011

CONCEIÇÃO, Antônio Carlos Lima da. Teorias feministas: da “questão da mulher” ao enfoque de gênero. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, João Pessoa-PB, v. 8, n. 24, p. 738-757, 2009

COSTA, Fábio Soares da; SANTOS, Andréa Mendes dos. Diferença e igualdade nas relações de gênero no esporte. **Holos**, Natal-RN, ano 34, v. 5, p. 140-150, 2018

COUTO, Aline Guimarães; DITTRICH, Alexandre. Feminismo e análise do comportamento: caminhos para o diálogo. **Revista Perspectivas**, São Paulo-SP, v. 8, n. 8, p. 147-158, 2017

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo-SP: Boitempo, 2016

FIRMINO, Carolina Bortoleto Empoderamento e relações de poder: a cobertura feminista da Copa do Mundo da Rússia pelo projeto dibradoras. **FuLiA / UFMG**, Belo Horizonte - MG, v. 4, n. 1, p. 23-38, jan./abr., 2019

GOELLNER, Silvana Vilodre. Imperativo de ser mulher. *Motriz*, Rio Claro – SP, v. 5, n. 1, p. 40-42, junho, 1999

_____. A Educação dos Corpos, dos Gêneros e das Sexualidades e o Reconhecimento da Diversidade. **Cadernos de Formação RBCE**, Porto Alegre, v. 1, n. 2, p.71-83, mar. 2010

HAHN, Noli Bernardo; STRÜCKER, Bianca. Lugar de mulher é... onde ela quiser! Papéis sociais pautados no gênero e breves apontamentos sobre o feminicídio. *RDL*, Natal/RN, v. 22, n. 2, p. 193-225, maio/ago. 2020

HENNING, Carlos Eduardo. Interseccionalidade e pensamento feminista: as contribuições históricas e os debates contemporâneos acerca do entrelaçamento de marcadores sociais da diferença. **Mediações**, Londrina-PR, v. 20 n. 2, p. 97-128, jul./dez. 2015

LESSA, Patrícia. Mulheres, corpo e esportes em uma perspectiva feminista. **Motrivivência**, Florianópolis-SC, ano XVII, n. 24, p. 157-172, jun./2005

MARTINS, Mariana Zuaneti; SILVA, Bruna Saurin. Incorporar meninas nas aulas de esporte: pensando possíveis articulações entre os estudos de gênero e a pedagogia do esporte. **Revista Pensar a Prática**, Goiânia-GO, v. 23, 2020

OLIVEIRA, Caroline Silva de. **Mulheres em quadra: o futsal feminino fora do armário**. Campo Grande-MS: UFMS, 2008. 58 f. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Educação Física da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, 2008

OLIVER, Kimberly L. et al. Girly girls can play games: Co-creating a curriculum of possibilities with fifth-grade girls. *Journal of teaching in physical education*, EUA, v. 28, n. 1, p. 90-110, 2009.

PRADO, Vagner Matias do et al. Conduas naturalizadas na educação física: uma questão de gênero? **Currículo sem Fronteiras**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 59-77, jan./abr. 2016

RIGO, Graciane Taglian. Constrangimentos nas aulas de educação física: relatos de alunas do ensino médio. Porto Alegre: UFRGS, 2022. 41f. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2022

ROSA, Marcelo Victor et al. Preconceito contra a mulher na educação física escolar no nono ano. **Revista Prâksis**, Novo Hamburgo-RS, n. 1, v. 17, p. 101-117, jan./abr. 2020

SILVA, Paula et al. As relações de gênero no espaço da educação física - a percepção de alunos e alunas. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**. Porto – Portugal, v. 8, n. 3, p. 396-405, 2008

SOUSA, Eustáquia Salvadora de; ALTMANN, Helena. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Cadernos Cedes**, Campinas-SP, ano XIX, n. 48, p. 52-68, 1999

SOUZA, Tatiana de; CASCAES, Tânia Rosa. Gênero e poder: categorias úteis na análise histórica da ciência e da tecnologia. **Divers@ Revista Eletrônica Interdisciplinar**, Matinhos-PR, n. 0, v. 1, p. 83-89, jul./dez. 2008

STEARNS, Peter N. **História das relações de gênero**. Trad. Mirna Pinsky. 2. ed., São Paulo: Contexto, 2015

TIBURI, Márcia. **Feminismo em comum: para todas, todes e todos**. São Paulo: Editora Record, 2018.